NOTÍCIAS / POLÍTICA

MUNDO

"Fui enterrado nos escombros e renasci", conta haitiano no Brasil

Bob viu sua casa de três andares em Porto Príncipe ruir em segundos e ficou preso nos escombros junto com os dois filhos. Cinco anos após o terremoto que assolou o Haiti, ele e a família recomeçam a vida no Rio.

© privat

Com apenas sete anos, o haitiano Lula Montinard já ajuda o pai no português. Sempre que tem uma dúvida, Bob (39) recorre ao filho para ajudá-lo com o novo idioma: "O menino é totalmente carioca", afirma o pai, satisfeito.

Há quatro anos no Rio de Janeiro, Lula e sua família vieram ao Brasil para tentar uma vida nova, após terem sobrevivido ao terremoto no Haiti, que completa cinco anos nesta segunda-feira (12/01).

A tragédia, que deixou cerca de 220 mil mortos e 1,5 milhão de desabrigados, desencadeou uma crise humanitária sem precedentes no país.

Com isso, muitos haitianos passaram a buscar refúgio em países como o Brasil, que chefia militarmente a missão de paz da ONU no Haiti (Minustah). Entre 2010 e 2013, mais de 21 mil haitianos chegaram ao país, segundo o governo brasileiro. Entre eles, a família Montinard.

© privat

Casa da família Montinard em Porto Príncipe

Presos sob os escombros

"A nossa casa, que tinha três andares, caiu como um baralho de cartas", conta a mãe, Mélanie, de 33 anos. Ela foi a única a conseguir sair do local antes do desmoronamento. Bob e os dois filhos pequenos ficaram presos sob os escombros.

"Eu estava com o pé quebrado e não conseguia me mexer. Bimba, que tinha apenas um ano, estava embaixo de mim", explica Bob, que gritou por socorro e foi resgatado com o filho no mesmo dia.

Já Lula, com apenas dois anos na época, ficou três dias sob os escombros até ser encontrado. "Passou

esse tempo todo sem comida e sem bebida", lembra Bob.

Com a fratura no pé, Bob ficou dois dias imobilizado, sem atendimento médico. "Tudo no Haiti estava bloqueado. Não tinha socorro, circulação, comunicação, nada. E meu pé começou a piorar muito", conta.

Para que Bob pudesse receber tratamento, a família teve que viajar para Guadalupe – território ultramarino francês no caribe – e depois para a França.

Escombros da casa da família Montinard após terremoto

Mesmo com as cirurgias, Bob ficou com sequelas. "Sou um deficiente físico, não posso mais caminhar por muito tempo, levar meus filhos na escola", diz. Quando a família voltou ao Haiti, o país ainda vivia uma situação de calamidade pública, agravada pelo surto de cólera, em outubro de 2010.

"As ruas tinham cheiro de pessoas mortas e havia protestos toda semana. A miséria e a violência aumentaram muito. As crianças não conseguiam frequentar a escola e reclamavam sempre", conta Bob.

Além disso, a tragédia havia alterado a sua vida. Antes do terremoto, o casal, de classe media alta, tinha uma vida confortável. Bob trabalhava para uma ONG brasileira, como mediador em projetos sociais. Mélanie, de origem francesa, também atuava com assistência humanitária.

"Depois do terremoto, eu passei a precisar de ajuda econômica e até física. Antes era o contrário: eu é que ajudava as pessoas", explica Bob, que nunca conseguiu voltar ao local de sua casa. Só Mélanie retornou e recuperou alguns documentos da família – todo o resto estava perdido.

Reconstruir a vida

Para Bob, foi impossível reconstruir a vida no Haiti. Ele pensava constantemente na posição geográfica do seu país, localizado sobre uma falha geológica, e se conseguiria sobreviver ao próximo tremor.

"Psicologicamente, ficou difícil. Eu não era mais a mesma pessoa. Fui enterrado nos escombros e renasci. Em apenas dez segundos a minha casa caiu. É um pesadelo até hoje."

A família então decidiu sair do Haiti. Apesar de terem parentes na França e no Canadá, os Montinard não queriam morar em nenhum dos dois países. Como tinham amigos brasileiros, decidiram passar o Natal de 2010 no Rio de Janeiro e acabaram ficando. "Queríamos um lugar que se parecesse um pouco com o Haiti, mas que não tivesse terremoto", justifica Bob.

Mas a mudança não foi fácil. A burocracia e as leis de imigração assustaram a família. "Até hoje não conseguimos tirar a residência", reclama Bob. Por isso, afirma, o casal ainda não conseguiu restabelecer sua situação financeira anterior. Para sustentar a família, Bob que teve que retornar ao Haiti em duas ocasiões para poder trabalhar.

Apesar das dificuldades, ele diz estar contente no Brasil. Atualmente, Mélanie cursa um doutorado em antropologia e os dois fazem trabalhos esporádicos de tradução e em ONGs. Os filhos estudam, fazem capoeira, natação e futsal.

"No início foi bem duro. A gente ia no restaurante todo dia no Haiti, mas aqui não tínhamos nada. Hoje temos amigos e conseguimos ter uma vida melhor", conta. "É uma luta, mas estamos felizes."

MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

Missão no Haiti torna Brasil referência em treinamento de forças de paz
País é conhecido por atuar em ambiente urbano. Cooperação internacional cresceu após a pacificação de bairros violentos no Haiti. Centro no Rio de Janeiro treina dezenas de comandantes estrangeiros por ano. (23.12.2014)

Pedidos de refúgio ao Brasil crescem 930% em três anos, diz Acnur
Levantamento do Ministério da Justiça e ONU aponta que Brasil acolhe mais de 7,2 mil refugiados, de 81

nacionalidades. Maioria é de imigrantes sírios que fogem da guerra civil. (18.11.2014)

"Não existe missão que conserte tudo", diz ex-chefe das tropas no Haiti

General Santos Cruz rebate críticas à liderança brasileira da Minustah e afirma que responsável por um país é seu próprio povo e governo. Hoje à frente da Monusco, ele lembra que ONU é só um suporte ao Exército congolês. (02.06.2014)

No centro de disputa política, haitianos vivem incerteza em São Paulo

Só em abril, cerca de 800 imigrantes chegaram à cidade, a maioria vinda do Acre. Mas sem abrigo, dinheiro, documentos e apoio do Estado, eles têm que lidar com preconceito e contar com caridade para construir nova vida. (30.04.2014)

Data 12.01.2015

Autoria Marina Estarque

Assuntos relacionados Brasil

Palavras-chave Haiti, terremoto, 5 anos, Brasil, haitianos

Compartilhar Enviar Facebook Twitter google+ Mais

Feedback : Comentário

Imprimir Imprimir a página

Link permanente http://dw.de/p/1EJ26

CONTEÚDO RELACIONADO

Cinco anos após terremoto, Haiti enfrenta pobreza e impasse político 12.01.2015

Acordo para eleições parlamentares no fim do ano não é aprovado antes de acabar a maioria dos mandatos dos congressistas. ONU apela para que ajuda humanitária internacional continue.

Pedidos de refúgio ao Brasil crescem 930% em três anos, diz Acnur

18.11.2014

Levantamento do Ministério da Justiça e ONU aponta que Brasil acolhe mais de 7,2 mil refugiados, de 81 nacionalidades. Maioria é de imigrantes sírios que fogem da guerra civil.

Dez anos de Minustah põem à prova modelo brasileiro de missão de paz

06.06.2014

Além da presença militar, conceito incluiria ainda aspectos institucional e socioeconômico. Mas, para os próprios militares, missão no Haiti falhou no campo social, e especialistas questionam se houve mesmo inovação.